



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica
ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

O título deste artigo deriva do facto inegável de que o ensino de línguas contribui e facilita a interculturalidade¹. Um dos meus objectivos é, por isso, demonstrar que o estudo da interculturalidade e de Línguas contribui para que aqueles que se dedicam à investigação nesse âmbito avancem no conhecimento e na compreensão da teoria, na investigação e na prática na área das relações interculturais, visando assim reduzir conflitos e promover a cooperação intergrupai.

O avanço nesse domínio do saber irá também proporcionar-lhes conhecimentos avançados sobre a natureza e a origem de estereótipos e da discriminação, com um foco particular nas expressões contemporâneas de formas não normativas de preconceito.

Com o mundo a tornar-se rapidamente numa aldeia global – devido ao transporte aéreo, à *Internet* e a outros avanços na tecnologia, que quebram as barreiras - o movimento e intercâmbio entre as diferentes regiões nunca foi tão fácil. Consequentemente, avançar na área dos Estudos Interculturais e da Língua é, indubitavelmente, uma das melhores soluções para compreender as diferenças entre as diversas comunidades em todo o mundo e para lidar com as várias desigualdades em prol do bem comum da humanidade.



A área de Estudos Interculturais é definida como uma análise de várias culturas tendo como objectivo avançar no conhecimento sobre os diferentes povos e as suas características. A ênfase é colocada sobre as culturas que têm mais influência nas relações interculturais e que são mais susceptíveis de afectar as ligações internacionais. O

¹ O tema deste artigo foi por mim apresentado numa Aula Inaugural que leccionei na Universidade Estadual de Goiás, no Brasil, em 12 de Maio de 2021.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

conhecimento em Relações Interculturais funciona como uma eficaz adaptação transcultural e as interações diádicas eficientes e apropriadas devem ter resultados efectivos, que venham a desenvolver uma competência interactiva.

A fim de avançarem no conhecimento da referida área de estudo os investigadores terão de se debruçar sobre a definição de vários conceitos, sobre os quais há uma imensa bibliografia. Entre eles, destaca-se, obviamente, o conceito de Cultura, sobre o qual foram escritos inúmeros livros e, por isso, apenas faremos aqui uma breve abordagem. De uma forma muito resumida, pode dizer-se que cultura é tudo o que nos seres humanos vai além dos aspectos biológicos. Modos de sentir, pensar e agir assim como crenças e valores (estéticos, éticos, religiosos, políticos) fazem parte da Cultura. A distância a que estamos dos outros, a forma como vivemos e até como comemos, são comportamentos que resultam de sermos seres "biológicos" e também "culturais".

Quanto à definição do conceito de Interculturalidade, refere-se à interacção entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração assente numa relação baseada no respeito pela diversidade. Define, igualmente, um movimento que tem como ponto de partida o apreço pelas outras culturas, superando as falhas de relativismo cultural, ao defender o encontro, em pé de igualdade, entre todas elas. Falo de relativismo do ponto de vista epistemológico, que afirma a relatividade do conhecimento humano e a incognoscibilidade do absoluto e da verdade, em relação a factores aleatórios e/ou subjectivos (tais como interesses, contextos históricos etc.) inerentes ao processo cognitivo.

Segundo os investigadores franceses, a noção de interculturalidade resulta, no essencial, das experiências pedagógicas feitas em França, desde 1980, para facilitar a integração social e escolar dos filhos das comunidades de imigrantes. Essas experiências tinham como objectivo fomentar um reconhecimento e, depois, um diálogo e um enriquecimento mútuo das culturas envolvidas. Procurava-se ultrapassar os estereótipos, que estavam ligados à visão dos outros como estrangeiros, considerados como povos sem uma cultura digna desse nome ou, pelo contrário, os particularismos culturais e raciais demasiado óbvios. Com efeito, a cultura nacional francesa não reconhece a cultura dos guetos, ou de assimilação, porque, na verdade, é a identidade política e jurídica, em termos de cidadania (ou de não-cidadania), que funciona como instrumento de identificação.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica
ORCID Nº 0000-0002-7703-0289



Porém, apesar do que os Franceses dizem, a valorização ideológica (embora muitas vezes formal e muito classificadora) das culturas "étnicas" nos Estados Unidos (como os Negros, os Europeus, os Hispânicos e, agora, os Asiáticos) deu origem a uma antropologia cultural, que não tem equivalente em França.

Actualmente, as distinções entre intercultural, multicultural e pluralismo cultural, as confusões entre culturas contextuais e cultura de origem e as concepções integracionistas de aculturação são o objectivo de inúmeras investigações em Ciências Humanas e Sociais, que parecem ainda não saber dar à noção de Cultura todo o conteúdo operacional e inovador que ela parece ser a única a poder assumir.

Relativamente à diferença entre multiculturalidade e interculturalidade, pode afirmar-se que o aspecto multicultural do mundo é uma característica que se torna evidente quando se misturam vários povos de diferentes culturas. Porém, um mundo multicultural não é necessariamente intercultural. Devemos partir do princípio de que cada cultura tem um determinado valor, que não supera o de outra, mas que as duas se entrecruzam e complementam. Para começar a viver de modo intercultural, cada povo tem, antes de mais, de conhecer a sua própria cultura, história e língua, através da sua experiência pessoal, pois isso contribuirá para conhecer também as outras culturas.

A interculturalidade implica uma troca entre membros de diferentes culturas, línguas e nações de que resultará o bem comum, como já referi. É uma actividade que tem de ser vivida todos os dias. Leva-nos a sair de nós próprios e do nosso egoísmo para irmos em direcção a outrem, que está à nossa espera. É também um acolhimento mútuo e um respeito por esse outro, pela sua cultura, língua, comportamento e hábitos, a fim de se atingir um objectivo global. Requer paciência, tolerância, capacidade de perdoar, compreensão e aceitação de si próprio e dos outros.

A interculturalidade requer abertura de espírito, quebra dos limites, sair de nós próprios e ir ao encontro dos "outros". É uma jornada de diálogo, troca, escuta mútua,



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

descoberta e partilha. É uma experiência que nos ajuda a ficarmos abertos para o mundo, a procurarmos outros horizontes, a termos uma visão diferente das culturas. Deixa de se ser o mesmo, sai-se da ignorância e abraça-se uma nova realidade que nos leva a ter um projecto colectivo. Esta dimensão da interculturalidade convida-nos a dizer "Nós" em vez de "Eu" e, ao fazê-lo, procuramos e encontramos aquilo que é o Bem Comum.

Quando se vive com outros povos, surgem desafios, tais como o medo de se perder a sua própria cultura, a dificuldade de se abrir e de aprender a língua do outro. Porém, também há vantagens, tais como: o facto de a abertura à interculturalidade demonstrar a nossa força para vivermos juntos e estarmos interessados na outra cultura.

Através do conhecimento obtido na área da Interculturalidade, os estudantes e investigadores devem aprender a lidar melhor com a alteridade e com a sua individualidade, a comunicar interculturalmente, a exercer uma cidadania intercultural e a trabalhar de uma forma organizada, sistematizada, coerente e cooperativa a competência intercultural e linguística, rentabilizando as suas experiências pessoais no que respeita ao contacto com outras línguas e culturas, preparando-se assim para o futuro.

Por outro lado, os desafios actuais da Didáctica de Línguas, e os modelos de competência comunicativa intercultural na educação remetem-nos para o conceito de comunicador intercultural e para a perspectivação de uma consciência cultural crítica na relação estabelecida com o Outro.

Ainda no âmbito da definição de conceitos, podemos considerar a noção de multiculturalismo (ou pluralismo cultural), que é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine, estando, porém, separadas geograficamente e até do ponto de vista de convívio, naquilo que se convencionou chamar "mosaico cultural". O Canadá e a Austrália são exemplos de multiculturalismo; porém, alguns países europeus advogam discretamente a adopção de uma política multiculturalista.

Em contraponto ao Multiculturalismo, podemos constatar a existência de outras políticas culturais, como, por exemplo, o monoculturalismo vigente em muitos países do mundo e ligado intimamente ao nacionalismo, e que pretende a assimilação dos imigrantes e da sua cultura nos países de acolhimento. O *Melting Pot*, como se diz em Inglês, existe nos Estados Unidos e no Brasil, onde as diversas culturas estão misturadas e amalgamadas sem a intervenção do Estado. O multiculturalismo implica reivindicações e conquistas das chamadas minorias (negros, índios, mulheres, homossexuais, entre outras). A doutrina multiculturalista dá ênfase à ideia de que as culturas minoritárias são discriminadas, sendo vistas como movimentos particulares, mas elas devem merecer



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

reconhecimento público. Para se consolidarem, essas culturas singulares devem ser amparadas e protegidas pela lei. O multiculturalismo opõe-se ao que considera ser uma forma de etnocentrismo (visão de mundo da sociedade branca, que se considera mais importante do que as outras).



A política multiculturalista visa resistir à homogeneidade cultural, principalmente quando esta homogeneidade é considerada a única e legítima, submetendo outras culturas a particularismos e dependência. Sociedades pluriculturais coexistiram em todas as épocas, e hoje, estima-se que apenas 10 a 15% dos países sejam etnicamente homogêneos. Contudo, a diversidade cultural e étnica é, muitas vezes, vista como uma ameaça para a identidade da nação.

A competência em Relações interculturais funciona como uma eficaz adaptação transcultural e as interações diádicas competentes e apropriadas nesta área devem ter resultados efectivos. Deve desenvolver-se uma competência interactiva e procurar ter resultados relacionais positivos e eficientes nas relações interculturais.

O interculturalismo implica também desenvolver a competência Intercultural no Ensino e dar apoio cultural às minorias. Trata-se, portanto, de uma tendência integradora, que respeita a igualdade de oportunidades e o pluralismo e enriquecimento mútuo, assim como os direitos individuais e colectivos das minorias, considerando que há dualidade cultural entre o país de origem e país de adopção. Os interculturalistas não só aceitam todas as culturas, como as colocam em pé de igualdade e fomentam a abertura cultural e a implementação do diálogo intercultural. Um pouco por todo o mundo, verifica-se uma



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

crecente consciencialização da existência de um fosso entre a realidade das relações interculturais em contexto local e as políticas de educação intercultural postas em prática pelos governos, instituições e sociedade civil.

Este hiato relaciona-se, especialmente, com as necessidades e a relevância da educação intercultural, assim como com a forma como estas são traduzidas em experiências de aprendizagem intercultural na prática diária. Geralmente, podem ser identificadas duas abordagens principais ao interculturalismo por parte dos Estados. A primeira supõe que conhecer outras culturas levará a uma melhor compreensão e coexistência pacífica; a segunda aceita essa suposição, mas argumenta que ela não é suficiente, e que as desigualdades estruturais das diversas culturas precisam de ser analisadas e discutidas.

O interculturalismo, entre outros, propõe-se promover os seguintes objectivos:

- Compreender a natureza pluralista da nossa sociedade e do nosso mundo;
- Promover o diálogo entre as culturas;
- Apreender a complexidade e riqueza das relações entre diferentes colectividades, tanto no plano individual como no comunitário;
- Colaborar na busca de respostas aos problemas mundiais que se colocam nos âmbitos sociais, económicos, políticos e ecológicos. Dado que não se pode considerar que alguma cultura tenha atingido o seu total desenvolvimento, o diálogo entre os povos de diferentes civilizações é o meio de possibilitar o enriquecimento recíproco de todas elas. O interculturalismo propõe, assim, que se aprenda a conviver num mundo pluralista e se respeite e defenda a humanidade no seu conjunto.

Juntamente com o conceito de educação intercultural, a noção de diálogo intercultural emergiu como uma ideia que envolve processos associados à coexistência, e à comunicação, entre diferentes povos, respeitando tanto a necessidade de coesão social como o respeito pela diversidade de identidades e de pluralidades, existentes em todas as sociedades. Fazer parte de um grupo e de um contexto social afectam as atitudes, as crenças e os comportamentos em relação às pessoas consideradas como diferentes.

Devemos, por isso, ter em conta a perspectiva dos alvos de preconceito e as consequências de ser membro de um grupo desfavorecido. Etnia, género e idade, serão exemplos que demonstram como os estereótipos e os preconceitos têm consequências para o desempenho escolar, a interacção social, o bem-estar, as aspirações profissionais, etc.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

Em alternativa, ao considerarmos a relação entre educação intercultural e cidadania, verificamos que o conceito de cidadania sempre esteve fortemente ligado à noção de direitos, especialmente, aos direitos políticos, que permitem ao indivíduo intervir na direcção dos negócios públicos do Estado, participando, de modo directo ou indirecto, na formação do governo e na sua administração, seja ao votar (directo), seja ao concorrer a cargos públicos (indirecto).

No entanto, dentro de uma democracia, a própria definição de Direito, pressupõe a contrapartida de deveres, uma vez que, numa colectividade, os direitos de um indivíduo são garantidos a partir do cumprimento dos deveres dos demais componentes da sociedade. Ao considerarmos o tema da Educação Intercultural e Cidadania, temos de ter em conta que, nas escolas, as classes são, hoje, constituídas por crianças nascidas fora do país de acolhimento ou, se lá nascidas, podem ser filhas de pais, que são imigrantes e estrangeiros. Considerando o caso de Portugal, o princípio básico da nacionalidade portuguesa é o *jus sanguinis*, ou seja, é cidadão português o indivíduo filho de pai português ou mãe portuguesa. O direito de sangue configura-se na norma principal da atribuição da nacionalidade e os seus efeitos são retroactivos à data de nascimento do indivíduo, que solicita o *status civitatis* de Português.

O indivíduo, cujos pais sejam nacionais portugueses nascidos em Portugal, é considerado Português desde que o seu nascimento seja inscrito numa Conservatória do Registo Civil antes de atingir a maioridade. Se os pais forem nacionais portugueses nascidos no estrangeiro, o indivíduo, para ser reconhecido como Português, deve provar que um dos pais era cidadão português à data do seu nascimento e que o vínculo paterno, ou materno, foi estabelecido na menoridade e declarar que quer ser Português, através da inscrição do seu nascimento no Registo Civil de Portugal. Se o requerente for menor de idade, a prova e o trâmite ficam a cargo de quem possua o poder paternal.

Além do princípio da ascendência, a atribuição da nacionalidade é aplicável a indivíduos nascidos no território português, filhos de pais estrangeiros e que residam em Portugal, há pelo menos seis anos, ou desde que o menor conclua em Portugal o 1.º ciclo do ensino básico. Esta condição não se aplica caso os pais da criança se encontrem em Portugal a serviço de um país estrangeiro.

A atribuição também pode ser solicitada pelos apátridas que tenham nascido no território português e comprovem que não possuem a nacionalidade dos seus pais. Em muitos países, segue-se o *Jus Soli*, pelo qual uma nacionalidade pode ser reconhecida a um indivíduo de acordo com seu lugar de nascimento. O *Jus Soli* é seguido, por exemplo, pelo Brasil.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

O principal inimigo do princípio da Interculturalidade é o racismo. Qualquer tipo de discriminação ou tratamento desigual, ou injusto, dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos de alguma ordem, nomeadamente religioso ou étnico, pode e deve ser combatido pelo sistema educativo dos países, lutando assim contra a ideia que afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros, preconizando, particularmente, a separação destes dentro de um país (segregação racial) ou mesmo visando o extermínio de uma minoria (como aconteceu, por exemplo, com o racismo anti-semita dos Nazis) e esta é a atitude mais susceptível de crítica pelo Interculturalismo.

De uma perspectiva intercultural, devemos ter respeito pelas diferenças culturais e lutar para que haja uma integração harmoniosa de todos os que vivem no nosso país, providenciando para que usem a língua e conheçam os seus valores históricos e culturais. Em síntese, deve ter-se o objectivo de que todos somos "diferentes mas iguais". Tal como prescrito pelo Conselho de Europa: *All human beings are universally equal and specifically different. Universal equality and specific differences must be respected.* Isto é, todos temos direito a uma nacionalidade, a igualdade com dignidade e a liberdades sem qualquer distinção, devendo lutar contra a discriminação e a intolerância.

Outro conceito a ter em conta é o colonialismo, que Homi K. Bhabha, na sua obra *The Location of Culture* (1994), analisa assim como o tema do pós-colonialismo, que se baseia na interpretação e compreensão dos encontros entre os países colonizadores ocidentais e os povos que eles colonizaram em todo o mundo. Para Bhabha, a questão põe-se em relação à identidade, tal como era expressa nas ideias que os poderes colonizadores tinham de si próprios. Na interpretação deste autor, aquilo que primeiro parecia ser um conjunto coerente de ideias em que se baseava o colonialismo rapidamente se desmorona e revela ser um amontoado complexo de perspectivas em mudança.

Na actualidade, também há conflitos de origem racial na Europa, devido a migrações intraeuropeias e à livre circulação dos trabalhadores, que se debatem com a falta de tolerância dos governos e da opinião pública e de apoio cultural às minorias, embora comece já igualmente a notar-se uma tendência integradora. Levantam-se, por isso, questões relativamente a direitos individuais e colectivos das minorias e a dualidade cultural entre o país de origem e o país de adopção.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica
ORCID Nº 0000-0002-7703-0289



Ao considerarmos o segundo tópico mencionado no título deste texto, vemos que desde o tempo dos Gregos e dos Romanos que se aprenderam línguas, como Árabe, Grego e Latim. Porém - embora naquela época fosse mais importante saber usar uma espada do que aprender línguas - aprendiam-nas devido ao facto de que pretendiam ocupar as terras e mover-se em novos locais e queriam entrar em contacto com os seus ocupantes e culturas.

A crescente mobilidade humana, o esbatimento de fronteiras, as novas exigências do mercado de trabalho internacional e a possibilidade real de comunicação global têm vindo a configurar uma nova perspectiva da aprendizagem em geral, e de línguas em particular. Actualmente, começam-se a analisar os estudos de língua e as suas interfaces com a interculturalidade. O aumento do fluxo migratório para os nossos países veio amplificar a diversidade linguística e cultural presente nas salas de aula, como referi.

Requer-se, por isso, interação e competência comunicativa intercultural na formação dos todos os cidadãos assim como consciência da importância dos valores de identidade, respeito, solidariedade, cooperação e humanidade e das atitudes de escuta e diálogo.

Os nossos jovens alunos vêem-se cada vez mais confrontados com a necessidade de comunicarem com o Outro, e ainda de se compreenderem a si mesmos e aos outros, que com eles convivem. Desafio ao qual se junta a necessidade, cada vez mais proeminente, de terem de se preparar para enfrentar um mundo global, sem grandes fronteiras geográficas e exigente ao nível profissional, pelo que se devem perspectivar não só como cidadãos do seu país, mas também do mundo, ou seja, cidadãos internacionais e interculturais.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

Os próprios docentes, independentemente da área leccionada, têm de se consciencializarem da indispensabilidade do desenvolvimento da competência comunicativa e intercultural e têm de se reconstruírem a eles próprios como professores, comunicadores e cidadãos interculturais. Torna-se essencial compreender que o ensino caminha no sentido de uma melhor apreensão e reflexão crítica acerca dos problemas culturais e da alteridade, ao mesmo tempo que apela ao desenvolvimento da competência comunicativa intercultural.



No século XXI, tanto professores como alunos precisam de saber identificar e distinguir os conceitos de: atitudes, valores, crenças e comportamentos, e de caracterizar e desmontar estereótipos culturais. Necessitam, ainda, de, assumir um ponto de vista humanista, pedagógica e cientificamente competente, de se servirem de formas e meios diversos de comunicação para anular preconceitos, recorrendo a estratégias educativas variadas e a metodologias que sirvam o conhecimento do Eu e do Outro.

A aprendizagem de línguas estrangeiras revela-se indispensável perante a globalização e a concorrência internacional, que exigem, cada vez mais, um conhecimento maior sobre as diferenças culturais, sendo que a competência comunicativa intercultural é imprescindível para quem deseja ter sucesso no mercado mundial. Daí que os docentes devam encarar o ensino de línguas como prioritário e essencial na promoção da aproximação de diferentes perspectivas do mundo e do pensamento, e na formação de um jovem adulto apto para se lançar no mercado internacional de trabalho.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

Podemos, por isso, concluir que a aposta em programas concretos de ações de formação contínua para docentes na área da interculturalidade é fundamental na reconstrução da identidade dos nossos cidadãos do mundo.

Assim como que se deve considerar importante também, sobretudo, pensar o que se é e o que se quer ser, as relações com os outros, e o mundo em mutação tão acelerada, onde se aprende a aumentar a capacidade de empreender e de inovar em novos contextos, onde se pode reconstruir, a cada passo da vida, a dignidade humana numa textura social e solidária.

Consequentemente, e tendo em conta o mercado de trabalho e a comunicação, cada vez mais globais, e a realidade multicultural, que convive diariamente connosco no espaço escolar, uma das áreas que emerge na sociedade contemporânea, e em que se torna importante investir, é, sem dúvida, a da interculturalidade e comunicação.

Reflectindo, de novo, sobre o título que escolhi para este artigo, penso que se justifica o realce ao ensino de línguas no âmbito da interculturalidade porque os professores de línguas estrangeiras são mediadores culturais que comunicam na diferença, a fim de facilitarem a integração na comunidade de acolhimento. Trata-se, portanto, de aprender com a diversidade e com a relação com o Outro e de educar para a diversidade linguística e cultural, preparando assim os indivíduos e a sociedade para as realidades do século XXI.

Concluo com duas citações, uma de Jacques Delors, o grande defensor da ideia da Comunidade Europeia, que afirmava:

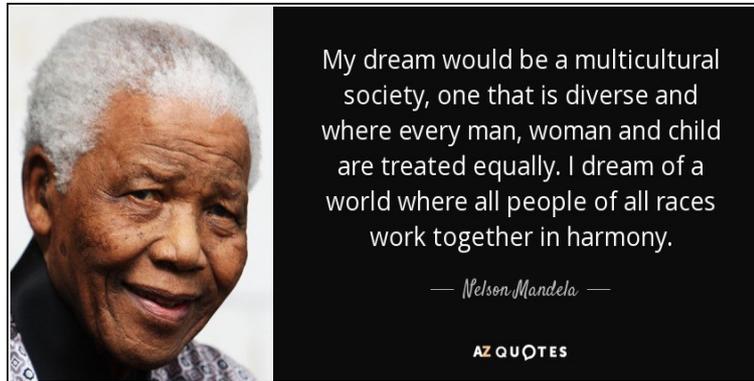
"Devemos cultivar, como utopia orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua, mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais. A educação, permitindo o acesso de todos ao conhecimento, tem um papel bem concreto a desempenhar no cumprimento desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de melhor se compreender."

A segunda é de Nelson Mandela (1918 –2013), o político e filantropo sul-africano que lutou contra o *apartheid* e recebeu o Prémio Nobel da Paz.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica
ORCID Nº 0000-0002-7703-0289



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine; PORCHER, Louis - *Éducation et Communication Interculturelle*, Paris: Presses Universitaires de France, 2^a1996.
- AFONSO, Clarisse - *Competência Intercultural: Conteúdos Culturais na Aquisição da Língua Estrangeira e sua Integração Didáctica*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- ALMEIDA, Sílvia - *Multiculturalismo*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2006.
- BARROCAS, Ana Paula B. de Gouveia - *Desenvolvimento da Competência Comunicativa Intercultural no Ensino Secundário através do Texto Literário em inglês*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2008.
- BAUMGRATZ-GAUGL, Gisela - *Compétence Transculturelle et Échanges Éducatifs*, Paris: Hachette, 1993.
- BHABHA, Homi K., *The Location of Culture*, London: Routledge, 1994.
- BERRY, J. Ward & David Sam (Eds.), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2^a2016.
- BIZARRO, Rosa [org.], *Como Abordar...a Escola e a Diversidade Cultural: Multiculturalismo, Interculturalismo e Educação*, Porto: Areal Editores, 2006.
- , *Ensinar e Aprender Língua e Culturas Estrangeiras hoje: Que Perspectivas?* Maia: Areal Editores, 2006.
- BYRAM, Michael, *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*, Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- DEARDORFF, Darla, *The Sage Handbook of Intercultural Competence*, Los Angeles, London, Nova Delhi, Singapore, Washington DC: Sage Publications, 2009.
- DELORS, Jacques, *Learning: The Treasure Within; Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*, 1996.
- FLEMING, M., *Education for Intercultural Citizenship. Concepts and Comparisons*, Toronto, Multilingual Matters, Ltd, 2006.



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

MANDELA, Nelson, *Long Walk to Freedom*, Volume I: 1918–1962. Little, Brown and Company, 1994.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *Teorias da Cultura*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

SANTOS, M.; CARVALHO, A. (Dir.). *Interação Cultural e Aprendizagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

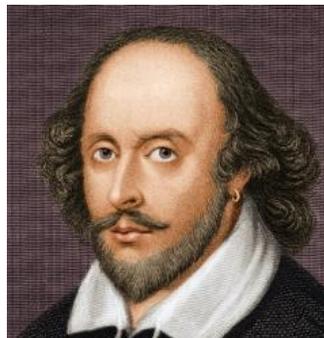
TING-TOOMEY, S. & Chung, L. C., *Understanding Intercultural Communication*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha, *Das Migrações às Interculturalidades*, Lisboa: Edições Afrontamento, 2015.

V. BENET-MARTÍNEZ & Y-y Hong (Eds.), *Oxford Handbook of Multicultural Identity*, Oxford: Oxford University Press, 2014.

Love all, trust a few, do wrong to none

William Shakespeare (1564-1616)



NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica, Presidente da Direcção de "Fulbrighters Portugal" e membro do Conselho Consultivo do Projecto Europeu "Educating for Global Peace". Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou e coordenou projectos de investigação também na Universidade Nova de Lisboa (Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas) e na Universidade Aberta (Centro de Estudos Americanos do Instituto de Estudos Pós-Graduados).



INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica

ORCID Nº 0000-0002-7703-0289

Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown e Fairfield. Organizou colóquios internacionais, proferiu conferências e publicou como editora: *Programa Fulbright - Volume Comemorativo* (2019), *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) e *Landscapes of Memory* (2004) e como autora: *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios e artigos em *Festchriften*, revistas, jornais e enciclopédias. Como coordenadora e tradutora, publicou *Portugal Visto pelos Ingleses*, Instituto Nacional de Investigação Científica (1981).

RESUMO

Com o nosso mundo a tornar-se uma aldeia global, o desenvolvimento da área dos Estudos Interculturais e do Ensino de Línguas é uma das melhores soluções para compreender as diferenças e lidar com as várias desigualdades em prol do bem comum da humanidade. A interculturalidade é um movimento que tem como ponto de partida o apreço pelas outras culturas, defendendo o encontro, em pé de igualdade, entre todas elas. Sabemos que cada cultura tem um determinado valor, que não supera o de outra, mas que ambas se entrecruzam e complementam. A interculturalidade é uma jornada de diálogo, troca, escuta mútua, descoberta e partilha, que nos ajuda a ficarmos abertos para o mundo. Esta dimensão da interculturalidade convida-nos a dizer "Nós" em vez de "Eu" e, ao fazê-lo, procuramos e encontramos aquilo que é benéfico para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade; Ensino de Línguas; Bem Comum

ABSTRACT

As our world is becoming a global village, developing the area of Intercultural Studies and Language Learning is one of the best solutions to understand the differences and to deal with inequality in defence of the common good for humanity. Interculturality is a movement that starts with the appreciation of the other cultures thus defending the interaction as coequal with all of them. We know that each culture has a specific value that does not overcome the worth of the other but that they both interlock and complement each other. Interculturality is a journey of dialog, exchange, mutual listening, discovery and sharing that helps us to be open to the world. This intercultural dimension invites us to say "We" instead of "I", and, as we do it, we will search and find what is beneficial for all of us.

KEY WORDS: Interculturality; Language learning; Common Good